

## ANDIAMO, ITALIANO!

Maria Monda<sup>1</sup>

Tum! É o som do coração, sob as mãos, sob a pele, músculo pulsante, sangue correndo nas veias. Som de vida.

Um som ao qual prestamos atenção apenas quando temos medo de não poder mais ouvi-lo.

Por isso, Francesco agora quer senti-lo, forte, claro, constante, prendendo a respiração, segurando seu peito cansado e velho, como se precisasse da confirmação de que seu coração ainda funciona. Como se soubesse que logo ele vai parar de funcionar.

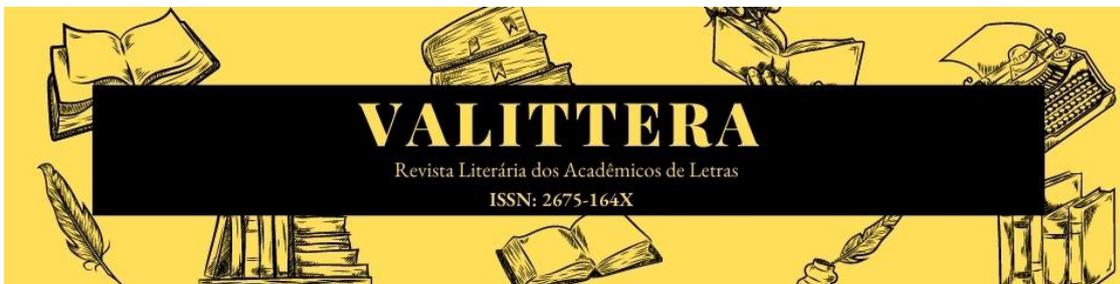
A noite, mistificada por uma luz artificial e uma companhia de personagens de ficção, aprisionados em uma tela de poucos polegares, consola sua insônia com um filme que já viu muitas vezes.

O boxeador, no córner, parece prestes a desistir. Os gemidos dele se misturam ao grasnir de uma interferência, devida à antena que nunca faz bem seu trabalho. Francesco verá Rocky sofrer, o verá cair, o verá levantar-se e, enfim, o verá vencer. Porque no final, Rocky sempre vence.

Na televisão, as histórias não mudam. Os filmes diferem das memórias, que, ao contrário, perdem gradualmente a nitidez, ficam borradas, se alteram. As memórias são histórias muito pessoais e secretas, como os sonhos, como os pesadelos. Cada um escolhe quais e como quer revelá-los. Não necessariamente toda a verdade, não necessariamente uma mera mentira. Até porque a diferença entre verdade e mentira só pode ser reconhecida por quem conta.

---

<sup>1</sup> Formada em Letras Clásicas pela Università degli Studi di Napoli Federico II; Professora de italiano, latim e grego antigo; Psicanalista e participante do Espaço de Transmissão da EFBH/IESPI. E-mail: [mariamonda1981@gmail.com](mailto:mariamonda1981@gmail.com)



Francesco nunca se perguntou o que será de sua própria história (de suas histórias) quando ele não estiver mais lá para contá-la. Mas existe realmente alguém que queira guardar, além da sua, a memória dos outros?

Quarenta anos se passaram e ele ainda se lembra. A violência fica mais impressa na mente do que no corpo. É por isso que ele nunca fecha os olhos quando vê um filme, nem mesmo diante das cenas mais cruéis. Afinal, o sangue em preto e branco se parece com água suja. Nada a ver com o sangue de verdade.

Sangue nas mãos: isso sim que é assustador.

Tum! Desta vez não é o coração. É o som de uma porta batendo, de passos pesados demais, que o arrastam de volta àquele lugar - o campo de prisioneiros alemão - de onde ele conseguira escapar com tanto esforço, naquele ano - 1945 - que ele superara a custo ou que, talvez, nunca superou completamente.

Era madrugada quando a coronha da espingarda de um soldado atingiu sua cabeça.

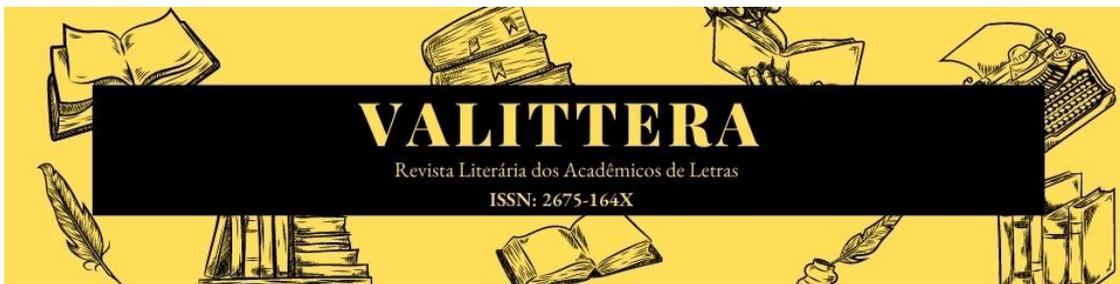
- Andiamo, italiano! Siga-me! - Ele ordenou, arrastando-o para fora da cama. Francesco obedeceu sem fazer perguntas.

Juntos, em silêncio, deixaram o campo e atravessaram a charneca.

Não muito longe, um grupo de quatro pessoas os esperava, dois prisioneiros como ele e outros tantos soldados. Todos retomaram o caminho, juntos, à luz de algumas lanternas e pararam quando chegaram a um bosque de lariços. Os três nazistas ordenaram aos três prisioneiros que se despissem; depois disso, amarraram cada um ao tronco de uma árvore.

O tempo todo Francesco evitou olhar para seus companheiros. Ele não sustentava as órbitas afundadas, os rostos já cavados, os hematomas nos membros e no abdômen que combinavam com os seus. Ele preferia manter os olhos no céu, onde um quarto da lua se destacava brilhante. Imaginava que fosse a maçaneta a que se agarraria quando, em pouco tempo, se abrissem as portas do além, até que um soldado, o mesmo que o havia levado, o fez baixar a cabeça, batendo-lhe com uma barra de borracha.

Francesco não sabia de qual culpa eles o estavam acusando, pelo que o estavam punindo, mas isso importava?



Pedaços de casca de árvore coçavam suas costas. Os braços haviam perdido a sensibilidade, tanto pelos cordões bem amarrados quanto pelo frio. O inverno se apoiava sobre a pele nua como um vestido de gelo ardente que queimava a carne. Era quase um alívio pensar que logo tudo estaria terminado, que não seria necessário esperar a chegada da primavera para acabar com a tirania do gelo.

Os soldados conversavam entre si, em seu idioma incompreensível e hostil. De vez em quando, eles riam. Para eles, tudo não passava de um jogo.

Os prisioneiros amarrados ao lado de Francesco nunca paravam de chorar, de implorar.

- Não fiz nada! - Ambos repetiam. Era impossível distinguir a voz de um e do outro. Elas se fundiam, se confundiam, como se fossem uma única voz. (A voz do medo deve ser a mesma para todos).

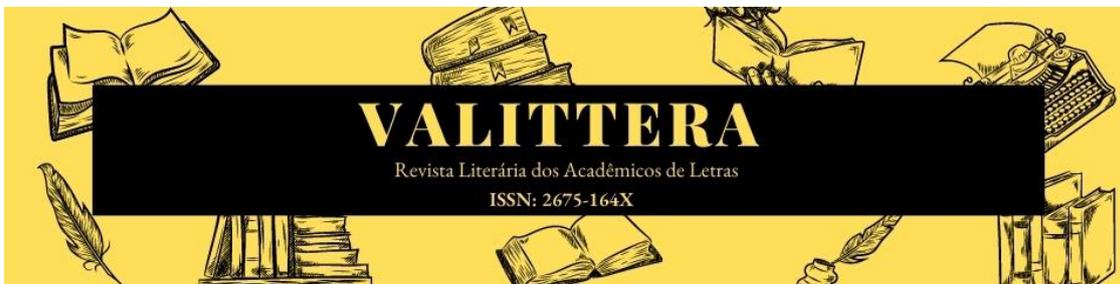
A voz de Francesco sumiu. Tudo o que lhe pertencia, incluindo seus pensamentos, seus sentimentos, suas emoções, foi reduzido à simples materialidade dos objetos inanimados. Ele se sentia vazio, oco, já morto. Apenas espasmos esporádicos de náusea o sacudiam, mas ele não tinha nada para vomitar, nem bile, nem raiva.

As armas foram apontadas. Três espingardas, três canos retos, três dedos indicadores decretando uma condena incontestável, sem retorno.

Tum! É o som de um tiro, de uma explosão, de um impacto, de um estrondo, de um corpo que cai, trágico, comovente e finalmente inerte. Um som de morte.

Os corpos dos três prisioneiros tombaram e deslizaram ao longo do tronco, e assim permaneceram: miseráveis feixes de ossos sustentados por cordas, como carcaças de grandes pássaros emaranhados em uma rede, como esqueletos de borboletas presas em uma teia de aranha.

Mas Francesco não estava morto. Ele desmaiara de terror, de choque. Efeito extemporâneo, do qual se recuperou, retomando a voz e berrando a plenos pulmões, quando abriu os olhos e se viu diante do enorme rosto de um soldado que o sacudia, o batia e gritava para que ele acordasse.



Olhou para os lados. Poças de sangue se espalharam sob os corpos de seus companheiros. Eles não tiveram sorte.

Francesco sabia que, durante as execuções, podia acontecer que um dos fuzis estivesse carregado de cartuchos em branco, para dar a cada soldado a ilusão de que eram apenas os outros membros do pelotão que matavam. Uma forma, portanto, de tornar menos pesada a tarefa dos algozes, certamente não uma proteção para as vítimas, que morriam, sempre morreram.

Por que ele não estava morto? Por que eles o pouparam?

Ele era melhor que os outros? Ele era pior?

Um soldado começou a desamarrá-lo. Quando terminou, o convidou para se vestir. Francesco vestiu as calças, depois a blusa, esfregando os braços na esperança de que recuperassem o calor. Atordoado com o que acontecera, ele vivenciava a cena como se não fizesse mais parte dela.

Os dois cadáveres também foram desamarrados. Um dos soldados olhou com desgosto para a própria bota em que algo havia respingado e, xingando, a passou várias vezes, para limpá-la, sobre os uniformes dos prisioneiros mortos que permaneceram empilhados no chão. Depois disso, se virou para Francesco que, novamente, temeu por sua vida.

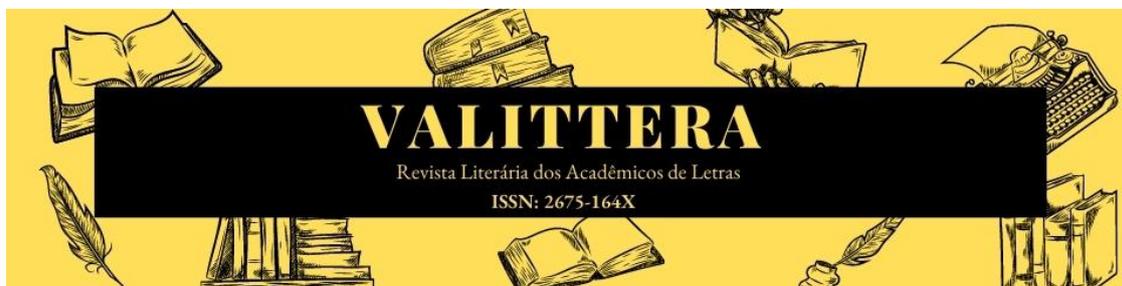
- Lá, atrás das árvores. Tem uma pá. Pegue-a, cave uma cova e enterre esse lixo.

Francesco, talvez por alívio, talvez por ainda estar em estado de choque, reagiu com uma expressão estranha no rosto, à qual os soldados responderam começando a rir.

Até que aquele que havia falado repetiu a ordem - Andiamo! Caso contrário, após cavar, você também acabará na cova!

Francesco fez o que ele mandou. Era difícil para ele se mover. A terra era dura como pedra. Se ele tivesse desistido, o teriam fuzilado e deixado ali, reservando a infeliz tarefa do enterro para outro prisioneiro, arrancado da cama antes do amanhecer, ou para o ventre das feras escondidas nos arbustos daquele lugar ermo e amaldiçoado.

Enquanto isso, a lua havia desaparecido e, naquela escuridão sem escapatória, com as mãos feridas pelo cansaço e com a alma sufocada por um luto atroz que não lhe pertencia



(ninguém nunca lamenta sua própria morte), ele se entregou a um choro silencioso, de soluços que sacudiram seus ombros e lágrimas ácidas que consumiram suas bochechas.

Conseguiu terminar o trabalho antes do amanhecer. Depois, voltaram para o campo. Os soldados riam e brincavam ao longo do caminho de volta, tentando envolver, sem sucesso, Francesco, até que quando voltaram ao acampamento pareciam uma alegre companhia de noctívagos trazendo o mais bêbado para casa.

Tum! É o som de uma memória interrompida, de um balão que rebenta e os seus pedaços voam como estilhaços em um ar parado e viciado, de um bate palma que facilita o regresso à realidade.

Francesco volta a tocar-se o peito, à altura do coração. O filme acabou, ele deveria dormir e sabe que o fará, desta vez sem sonhos.

Um cobertor cobre suas pernas, ele move-o, levanta-se, vai até à TV e a desliga, depois vai até à cozinha para tomar um copo d'água.

É o tipo de facilidade pela qual ele nunca será grato o suficiente.

Quando voltou para casa depois da guerra, ele pesava 48 quilos. Nem mesmo sua mãe o reconheceu.

Era dela o nome que ele chamava quando a morte soprava em seu pescoço, era dela o abraço que ele esperava e desejava, quando, como uma criança, sentia a necessidade de se desesperar e se livrar de tudo.

- Mãe.- Diz agora, na cozinha vazia e entregar-se a uma nostalgia, que ele acreditava que nunca sentiria novamente, produz nele um efeito estranho.

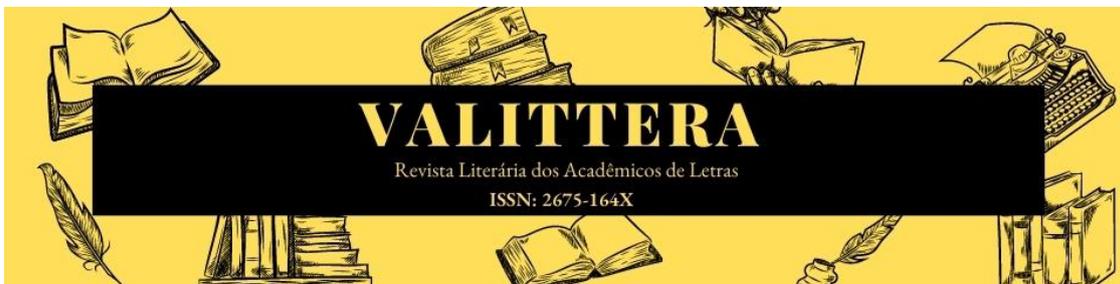
Da janela, forrada de jornais, brisas de vento frio entram sorrateiramente, assobiando como fantasmas solitários e raivosos.

Antônio, um de seus filhos, prometeu-lhe que logo lhe compraria um fogão aquecedor, para que ele não sofra mais os rigores do inverno, mas Francesco não o quer.

Além do vidro, as copas das árvores dançam de forma desarmoniosa. Os galhos nus se arranham, como se zombassem um do outro por sua nudez vergonhosa e triste.

- Mãe- ele repete e um arrepio desce por sua espinha.

Como uma mãe pode não reconhecer seu filho?



Outra época, outras histórias, mas Francesco acredita que o mundo não mudou tanto.

Estamos em 1984 e a profecia de Orwell continua a ser uma obra brilhante, cujas consequências ainda não transbordaram das páginas do livro.

Os ideais, aqueles pelos quais ele lutou e pelos quais quase foi morto, jazem sepultados com os corpos, sob escombros, contra os quais, após décadas, muitos ainda tropeçam.

A casa é pequena, com poucos móveis. O que resta de vida dele está fora dessas paredes. Seus filhos, seus netos. Vida escapando da morte, vida nascida da vida.

Se aquela espingarda não estivesse carregada com um cartucho em branco...

Ele aperta as pálpebras com força, uma sensação de vertigem quase o faz cair.

Tudo pode desaparecer, ser engolido pela escuridão.

Lembra dos versos de Giovanni Pascoli.

*“Non esser mai! Non esser mai! Più nulla,  
ma meno morte, che non esser più!”.*

Porque nunca ter nascido, com certeza, menos doloroso do que ter que viver consciente do que é a morte.

Tum! É novamente o som de uma porta que se abre e depois bate, da bota de um soldado batendo ritmicamente no chão do dormitório, as luzes acesas, os rostos pálidos dos outros prisioneiros.

Mesma lembrança, versão diferente.

Ou é uma nova lembrança?

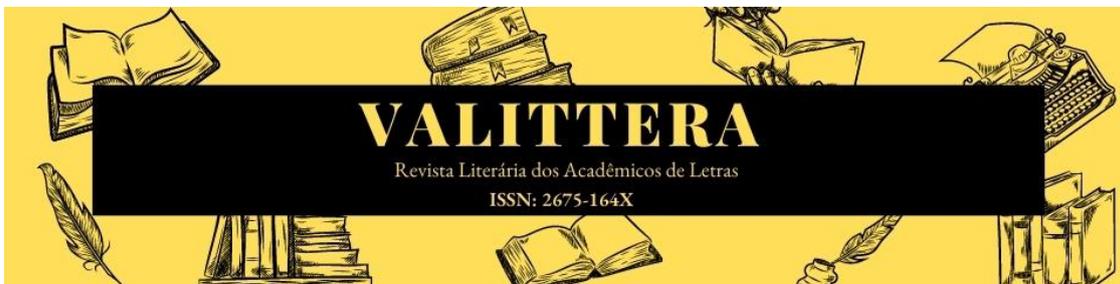
- Andiamo, italiano! Esta noite é a sua vez!- Batendo nele com a coronha da espingarda, pediu-lhe que saísse da cama e o seguisse.

Estava frio lá fora. As solas, em contato com a grama congelada, produziam um som semelhante a um barulho de roedores.

---

<sup>2</sup> “Nunca ser! Não ser nunca! Mais nada,  
mas menos morte do que não ser mais!”

Versos do poema de Giovanni Pascoli *L'ultimo viaggio*, incluído em *Poemi conviviali*, Bologna, N. Zanichelli, 1904 (primeira edição).



Caminharam até um bosque de lariços. Lá, amarrado ao tronco de uma das árvores, estava um homem. Um homem nu, as roupas empilhadas nas proximidades. Era difícil reconhecer um rosto naquelas linhas distorcidas. Podia ser qualquer um: um jovem, um velho, até uma criança, devido ao quanto parecia frágil e emaciado; um italiano, um alemão, um polonês, um judeu.

Quando estamos nus e desamparados, quando estamos nos preparando para morrer sob um céu que nem mesmo oferece o conforto de uma estrela, somos todos iguais. Sozinhos, sem uma esperança a qual nos agarrar, sem convicções a defender.

Mesmo assim, olhando melhor para ele, Francesco o reconheceu. Era Alvaro, seu antigo camarada de armas. Tão jovem quanto ele, italiano como ele, sem mais esperanças nem ideais, como ele. Hematomas escuros marcavam seu corpo, especialmente no abdômen e na região das pernas. As órbitas afundadas e as pálpebras inchadas não conseguiam esconder seu olhar desesperado que implorava por misericórdia.

Francesco ergueu a cabeça, preferindo se concentrar no céu, onde um quarto de lua acabara de aparecer atrás de uma nuvem. Ele teve tempo de imaginar que fosse uma maçaneta e que, se tivesse estendido a mão, teria sido capaz de agarrá-la, girá-la, abrindo um portal para uma dimensão que o salvaria do horror que foi forçado a viver, mas o soldado o golpeou violentamente com uma barra de borracha, obrigando-o a não tirar os olhos de Álvaro.

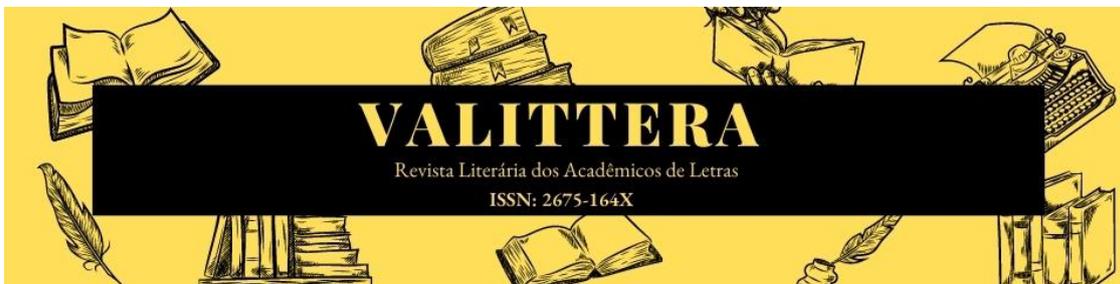
Ele foi acusado de roubar dois pães e condenado a ser fuzilado por isso.

- Eu não fiz nada - Alvaro repetia - Por favor, sou inocente! - Queria gritar, dava para ver, mas não era capaz. Sua voz saía quebrada, como um suspiro, e tosses violentas frequentemente interrompiam suas palavras.

A voz de Francesco, por outro lado, sumiu totalmente. As palavras que ele queria dizer - de horror, de desdém, de raiva - dançavam diante de seus olhos como se fossem presas em uma fita impossível de pegar e rasgar. Ele sentia que não aguentava mais. Que a partir de então um abismo de loucura se abriria em sua mente. Um inferno do qual ele jamais seria capaz de ressurgir.

O soldado entregou-lhe a arma.

- É com você. Acho que já sabe o que precisa ser feito.



Francesco deu um passo para trás, balançando a cabeça, horrorizado.

- Pega, italiano! Não me obrigue a repetir! Os italianos são todos traidores. Atire nele!  
Eu ordeno que você atire nele!

- Não! Não! - Francesco e Alvaro gritaram em uníssono. As duas vozes se fundiram em um único grito.

- Está bem. Se você não quer, eu faço. Mas eu vou matar você também. É isso que você quer? Você quer morrer?

- Não faça isso, Francesco! Eu imploro! - Alvaro se contorcia contra a árvore. A casca arranhava seu corpo, abrindo cortes profundos em sua carne, de onde jorraram riachos de sangue escuro.

- Quer morrer, italiano?! - Repetiu o soldado gritando, indiferente aos apelos do prisioneiro amarrado.

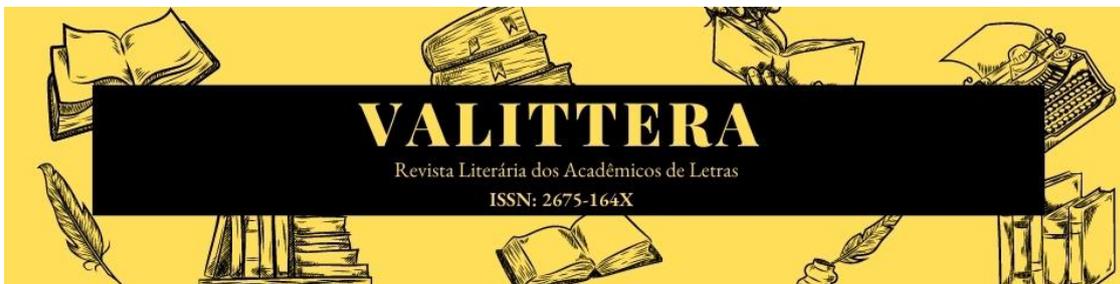
Foi um gesto de uma velocidade desarmante. Francesco pegou a arma, carregou-a e atirou. Acertou Alvaro no rosto.

Tum! É o som do último suspiro, da alma abandonando o corpo, corpo vivo e corpo morto, porque sem alma se vive de qualquer maneira, mas sem vida a alma não serve para nada.

O corpo do homem ficava caído e pendurado, indefeso, ao longo do tronco, e assim permaneceu: uma marionete miserável sustentada por fios soltos. Se pouco apareceu dele quando estava vivo, agora que ele estava morto, quase não havia mais nada de seu corpo: um fantoche de pele e ossos sem rosto.

Francesco também estava morto. Ele se movia, ele respirava e em seu peito seu coração dançava com um ritmo louco. Mas uma parte dele havia morrido naquele lugar e assim permaneceria para sempre, encontrando alívio apenas quando finalmente adormecesse, com a certeza de nunca mais acordar.

O choque fez suas pernas e braços tremerem. Caiu de joelhos. Cravou a cabeça na terra, que era dura como uma pedra, uma lápide na qual ele tentou imprimir seu rosto de assassino. O corpo sacudido por um choro de desespero sem redenção. Ficou assim por um



tempo curto, mas incalculável, depois o soldado lhe deu um chute nas costelas e o convidou a se levantar.

- Move-se. Vai buscar a pá e enterra esta merda. – Depois o soldado olhou com nojo para as pontas das botas, nas quais salpicava alguma coisa (sangue e matéria cerebral), e, praguejando, as passou várias vezes, para limpá-las, no uniforme de Álvaro, que restava vazio e empilhado no chão.

Francesco fez o que lhe foi ordenado, realizando gestos e movimentos automáticos, numa espécie de transe, apesar do cansaço e da sensação de desamparo que lhe fazia desejar fortemente de acabar com tudo, de desistir e pedir ao alemão que lhe colocasse uma bala na testa, naquele mesmo lugar, naquele mesmo momento, sem ter que se perguntar quais outros tormentos e torturas ele teria que enfrentar. Ao lado do seu amigo, ele enterrou a ideia que tinha de si mesmo. Ele sempre pensara ser uma pessoa honesta, justa e leal, guiada por valores intocáveis. Ainda seria. Ele prometeu que seria. Não se permitiria apodrecer por dentro. Mas ele sabia que nunca esqueceria.

Inocência e crueldade são máscaras para o uso e consumo de um mesmo rosto. É o indivíduo que, por natureza ou circunstâncias, escolhe na hora qual usar. Ninguém é absolutamente bom, ninguém é absolutamente mau. É uma escolha, de vida ou de morte, fazer o bem ou fazer o mal, aquele mal que é bom para si e aquele bem que não compreende o mal que causa aos outros.

Tum! É o som do copo escorregando de sua mão, do baque no chão, do vidro quebrando.

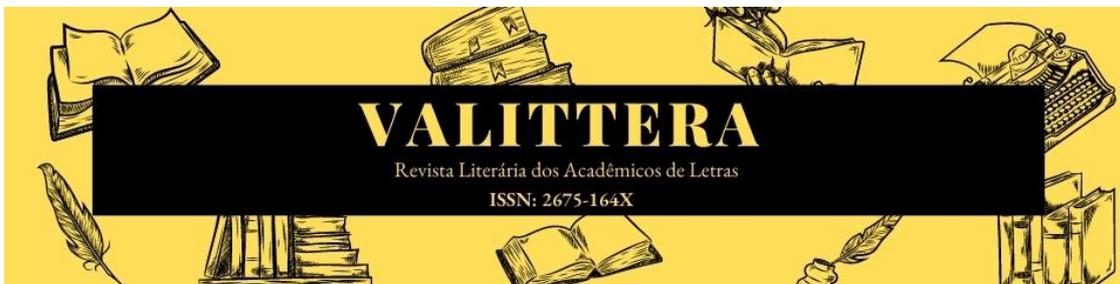
Ele se abaixa para juntar os cacos, seu coração louco batendo forte em seus ouvidos.

Tum! Tum! Tum!

Não agora, ainda não, não assim.

Francesco se levanta, uma farpa rasgou sua palma e o sangue está pingando em suas calças de pijama e na ponta dos chinelos.

Ele abre a torneira e o líquido vermelho vai para o ralo junto com o líquido transparente, misturando-se. Medica a ferida, olha em volta, apaga a luz, vai para o quarto. Se deita, fecha os olhos e adormece imediatamente. Tudo se dissolve.



Tum! É o som que o coração faz quando para de bater, o martelo do juiz que conclui a sentença, o arguido é culpado, o arguido é absolvido, vão em paz.

O soldado tira os cobertores.

- Você! Você ainda esta vivo?

- Sempre estive tão vivo quanto você. Da mesma forma que ambos morremos há muito tempo. A diferença entre a vida e a morte se assemelha à diferença entre um pesadelo e um sonho. Temos dificuldade para acordar de ambos, mas apenas um dos dois nos permite continuar dormindo.

- O sonho ou o pesadelo?

- É você quem decide, italiano. Agora, andiamo. Você já sabe para onde precisamos ir.

Francesco obedece sem fazer perguntas. Juntos, em silêncio, saem do quarto. Após passar pela porta, onde algumas horas antes tinha o corredor, agora tem a charneca congelada, a mesma da época.

O bosque de lariços não fica longe. Eles o alcançam. O soldado lhe entrega a espingarda.

Tum! É o som do fim.